



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS DE IMPERATRIZ - CCIM
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS/SOCIOLOGIA
VIRNA NASCIMENTO MORAES

RELATO DE EXPERIÊNCIA PIBID: Discutindo violência de gênero no
ensino de sociologia

IMPERATRIZ-MA
2025



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS DE IMPERATRIZ - CCIM
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS/SOCIOLOGIA
VIRNA NASCIMENTO MORAES

RELATO DE EXPERIÊNCIA PIBID: Discutindo violência de gênero no ensino de sociologia

Trabalho de Conclusão de Curso, tipo Relato de Experiência apresentado ao Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia, do Centro de Ciências de Imperatriz, da Universidade Federal do Maranhão, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Ciências Humanas.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS DE IMPERATRIZ - CCIM
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS/SOCIOLOGIA

Orientador: Profa. Dra. Maynara Costa de Oliveira Silva

IMPERATRIZ-MA
2025



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS DE IMPERATRIZ - CCIM
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS/SOCIOLOGIA
VIRNA NASCIMENTO MORAES

RELATO DE EXPERIÊNCIA PIBID: Discutindo violência de gênero no ensino de sociologia

Trabalho de Conclusão de Curso, tipo Relato de Experiência apresentado ao Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia, do Centro de Ciências de Imperatriz, da Universidade Federal do Maranhão, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Ciências Humanas.

Aprovado em: 22/12/2025

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Maynara Costa de Oliveira Silva
Orientador/a
Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Vanda Maria Leite Pantoja
1º Examinadora
Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Laurinda Fernanda Saldanha Siqueira
2º Examinadora
Instituto Federal do Maranhão

IMPERATRIZ-MA
2025



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS DE IMPERATIZ - CCIM
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS/SOCIOLOGIA
AGRADECIMENTOS

Quero dedicar este trabalho a alguém que hoje não está mais aqui, meu tio José Silva de Moraes, a quem eu carinhosamente sempre chamei de Tio Zé, sou feliz por ter convivido tantos anos de minha vida com esse grande homem, que mesmo com suas limitações físicas se mostrou um belíssimo exemplo de que a educação transforma vidas, para além disso, esta pessoa representa para mim sinônimo de perseverança e de amor ao próximo, de tudo o que pude aprender com ele, acredito que a lição mais valiosa foi aprender a ser humana, buscando sempre compreender que cada pessoa é diferente e única em suas particularidades. Também menciono aqui a minha família, sou filha de uma Professora e um Enfermeiro, Elzir e Roberto, ambos são de origem simples, pessoas que cresceram sem luxo e sem status social, mas que para mim são exemplos de que por mais árdua que seja a decisão de buscar melhorar a vida através da educação, o caminho vale a pena e é construído em bases sólidas, suas histórias e ensinamentos são a minha base para encarar qualquer que seja o desafio, não importa o tempo que demore. Sou grata ao meu marido Wesley por me dar suporte e acreditar sempre que as coisas darão certo, hoje temos dois filhos o Gael e a Clarice, que são a minha força e a razão pela qual eu não desisti e por quem busco ser cada dia melhor do que fui ontem. Agradeço também aos amigos que fiz ao longo desses anos na Universidade, Vitória, Karita e Wires, vocês fizeram com que os dias difíceis não fossem tão ruins quanto pareciam ser, a vida de vocês é um presente para mim. Aproveito também para registrar aqui meus sinceros agradecimentos a minha querida orientadora Maynara Costa, alguém que sempre esteve disponível quando solicitei, e que nunca largou a minha mão, que sempre se mostrou disposta a me ajudar, ela é uma inspiração não apenas como professora, mas como pessoa, sempre humana e acolhedora, me recebeu de braços abertos e sempre buscou entender as minhas dificuldades. Por fim, mas não menos importante, agradeço a mim mesma por não ter desistido, sobretudo neste último ano que tem sido o mais desafiador, o ano em que eu estou precisando vencer a mim mesma, ao cansaço cotidiano de alguém que precisa trabalhar 40h por semana, lidar com as demandas deste trabalho, da casa, dos filhos e ainda ousar cursar uma faculdade, tenho lutado batalhas internas para seguir em frente um dia após o outro, mas como a minha mãe sempre me disse “isso vai passar”.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS DE IMPERATIZ - CCIM
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS/SOCIOLOGIA

“Me movo como educador, porque, primeiro, me movo como gente.”
- Paulo Freire

RELATO DE EXPERIÊNCIA PIBID: DISCUTINDO VIOLÊNCIA DE GÊNERO NO ENSINO DE SOCIOLOGIA

PIBID EXPERIENCE REPORT: DISCUSSING GENDER VIOLENCE IN SOCIOLOGY TEACHING

Virna Nascimento Moraes – Universidade Federal do Maranhão (UFMA) –
virna.moraes@discente.ufma.br

Resumo: Este trabalho parte de uma trajetória enquanto bolsista do PIBID que durou de novembro de 2022 até abril de 2024, em uma escola estadual localizada na cidade de Imperatriz, no sudoeste maranhense. O objetivo deste trabalho é discutir a aplicação de Metodologias Ativas com ênfase na área dos Estudos de Caso no processo de ensino-aprendizagem da Sociologia, com foco na valorização do cotidiano dos educandos como ferramenta para compreender e problematizar questões sociais, portanto a Violência contra a mulher foi abordada como objeto de estudo, evidenciado no ambiente escolar. O referencial teórico fundamenta-se em autores que discutem a educação crítica, metodologias ativas e ensino de sociologia. Por meio deste relato, portanto, espera-se contribuir para futuras práticas pedagógicas, fornecendo subsídios teóricos e metodológicos.

Palavras-chave: Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID); Metodologia ativa; Estudo de Caso; Ensino de Sociologia; Violência contra a mulher.

Abstract: This work is part of my trajectory as a scholarship holder at PIBID, a trajectory that lasted from November 2022 until April 2024, in a state school located in the city of Imperatriz, in the southwest of Maranhão. The objective of this work is to discuss the application of Active Methodologies with an emphasis on the area of Case Studies in the Sociology teaching-learning process, with a focus on valuing students' daily lives as a tool to understand and problematize social issues, therefore Violence against women was approached as an object of study, evidenced in the school environment. The theoretical framework is based on authors who discuss critical education, active methodologies and sociology teaching. Through this report, therefore, we hope to contribute to future pedagogical practices, providing theoretical and methodological support.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto da experiência desenvolvida no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), uma iniciativa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), criada em 2007. O programa surge como resposta à necessidade de fortalecer a formação de professores e contribuir para a melhoria da qualidade da educação básica no Brasil, buscando reduzir a evasão nos cursos de licenciatura e incentivar o uso de metodologias inovadoras no ensino.

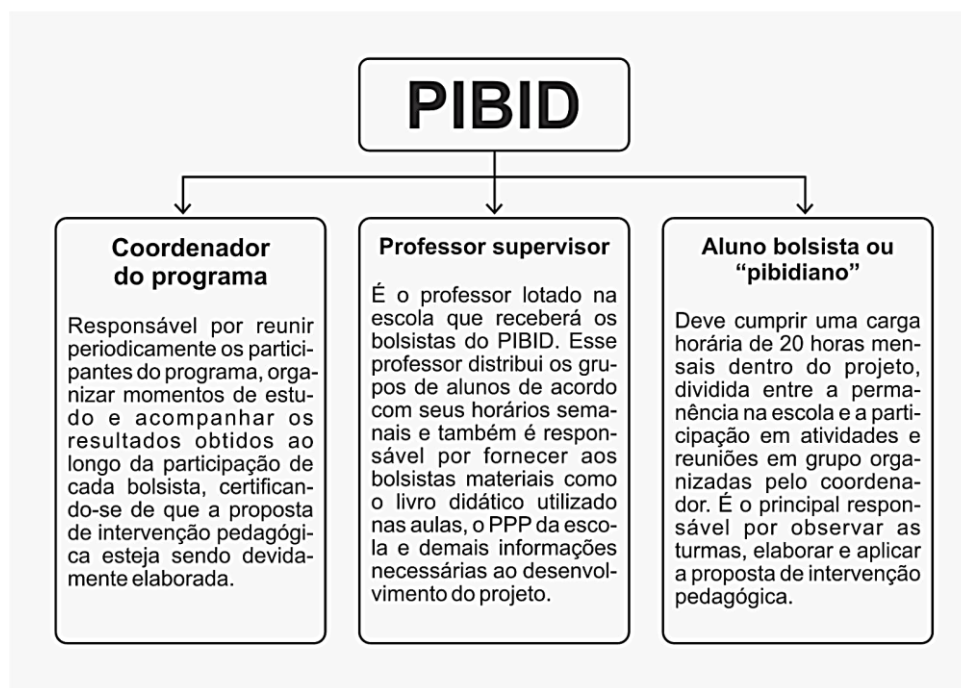
Dentre os objetivos do PIBID, destaca-se a possibilidade de proporcionar aos estudantes de licenciatura uma imersão no ambiente escolar desde os primeiros anos da graduação, favorecendo a articulação entre teoria e prática. O programa também contribui para o fortalecimento da educação pública, incentiva a pesquisa acadêmica a partir do contexto escolar e colabora para o aprimoramento de projetos pedagógicos. Além disso, o PIBID pode ser compreendido como um espaço fundamental para a construção da identidade docente, ao colocar os futuros professores em contato com metodologias não convencionais por meio de projetos de intervenção pedagógica.

A proposta central do núcleo no qual a experiência foi desenvolvida consistiu na elaboração de um projeto fundamentado no uso de Metodologias Ativas no ensino de Sociologia. A vivência das etapas descritas a seguir mostrou-se essencial para a elaboração e aplicação da intervenção pedagógica. Inicialmente, realizou-se uma visita guiada à escola-núcleo, com o objetivo de conhecer a estrutura física da instituição e os profissionais que integrariam a rotina escolar. Em seguida, ocorreram momentos de observação das turmas-alvo, visando compreender o perfil dos estudantes e, assim, propor um projeto adequado ao contexto escolar.

Além disso, foram realizados momentos formativos compostos por estudos coletivos de subsídios teóricos, sob a mediação do professor coordenador do programa, Professor Dr. Edson Ferreira, docente do curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), campus Imperatriz – Centro, em conjunto com a professora supervisora Me. Raelma Santos, docente das turmas de 3º ano do Centro de Ensino Graça Aranha, também localizado na cidade de Imperatriz. Como parte das exigências do programa, foi necessário, ainda, buscar cursos e minicursos voltados para o campo das Metodologias Ativas, bem como participar de eventos promovidos pelo PIBID, possibilitando a troca de experiências com bolsistas de outros campi da universidade.

Logo abaixo, apresenta-se um esquema que exemplifica o papel de cada participante no desenvolvimento do projeto.

FIGURA 1 - QUADRO DE ATRIBUIÇÕES DOS PARTICIPANTES



Fonte: A autora (2025)

Descrição: Esse esquema demonstra as principais atribuições de cada participante do PIBID.

As metodologias ativas foram adotadas como eixo central do projeto, pois compreende-se que elas são capazes de promover a autonomia dos estudantes e tornam o processo de aprendizado mais significativo, pois deslocam o ensino do modelo tradicional, centrado no professor, para um processo dinâmico e participativo. Segundo Moran, Masseto e Behrens (2000, p. 45), essas metodologias “estimulam o protagonismo dos alunos, permitindo-lhes construir conhecimento por meio da problematização, da colaboração e da aplicação prática dos conteúdos”.

Durante o processo de observação das turmas, constatou-se que falas, gestos e brincadeiras de duplo sentido relacionadas ao corpo de meninas e mulheres são frequentemente banalizadas pelos estudantes do sexo masculino. Mesmo em espaços com presença feminina significativa, tais comportamentos tendem a ser naturalizados, reforçando a ideia equivocada de que essas atitudes seriam inatas ou socialmente aceitáveis. No entanto, como destaca Guacira Lopes Louro (1997), o machismo e a heteronormatividade não são aspectos naturais da sociedade, mas sim construções históricas e culturais que determinam papéis de gênero e impõem normas que reforçam a subordinação feminina. Essas estruturas são perpetuadas

cotidianamente, inclusive no espaço escolar, através de discursos e práticas que normalizam a desigualdade.

Diante dessa realidade, evidenciou-se a necessidade de desenvolver um projeto pedagógico que problematizasse tais comportamentos, promovendo a conscientização, especialmente entre os estudantes do sexo masculino. Nesse contexto, juntamente com outros dois bolsistas do PIBID, Wires e Hekna, foi elaborada uma proposta didática cujo objetivo consistiu em estimular o debate acerca do comportamento heteronormativo amplamente reproduzido ao longo da história e de suas implicações na perpetuação da violência contra a mulher. Como enfatiza Louro (1997), a heteronormatividade estabelece um padrão de inteligibilidade do gênero que relega tudo o que foge a ele ao domínio da anormalidade ou da marginalidade. Assim, problematizar essas normas no contexto escolar é essencial para promover a igualdade e combater a violência de gênero.

Além disso, a iniciativa visou contribuir para a educação preventiva, incentivando reflexões sobre as diversas formas de violência de gênero que se manifestam no cotidiano escolar e na sociedade. A escola, como pontua Berenice Bento (2011), é o espaço onde "a diferença faz a diferença", ou seja, é nela que as normas sociais são reiteradas e que os sujeitos são enquadrados em padrões estabelecidos. Dessa forma, se a escola é um ambiente onde as desigualdades são reproduzidas, também pode e deve ser um lugar de ruptura e transformação.

Desse modo, a proposta de um diálogo saudável sobre um tema tão complexo revelou-se um grande desafio, sobretudo porque discussões que envolvem qualquer assunto relacionado a gênero frequentemente esbarram em concepções conservadoras que buscam justificar a submissão feminina sob argumentos religiosos ou culturais. Nesse sentido, foi fundamental adotar metodologias ativas que possibilitasse a participação efetiva dos alunos no processo de ensino-aprendizagem, estimulando o pensamento crítico e a construção coletiva do conhecimento. Como destaca Moran, Masseto e Behrens (2000), "as metodologias ativas permitem que os estudantes se tornem protagonistas de seu aprendizado, promovendo maior engajamento e reflexão sobre sua realidade" (p. 45).

Ao trazer essa questão para o ambiente escolar, o projeto proporcionou um espaço para o debate, e buscou sensibilizar os alunos sobre a importância de desconstruir padrões comportamentais que sustentam a desigualdade de gênero. Uma vez que a escola, como espaço de formação cidadã, deve assumir um papel ativo na promoção de uma cultura de respeito e equidade, contribuindo para a transformação social que transcende o campo das ideias, podendo refletir em ações conscientes. De acordo com bell hooks (2019, pg.158), "para quebrar esse ciclo de violência, para se libertarem, homens e mulheres precisam criticar a noção sexista da

masculinidade.”

Desse modo, a escola foi utilizada como espaço de mediação entre questões sociais e alunos do Ensino Médio, com o entendimento de que a escola também possui um papel social, sendo um dos pilares da formação cidadã é completamente necessário que exista neste espaço a oportunidade de diálogo acerca de questões cotidianas, como é o caso da Violência contra a mulher. Buscamos então discutir com alunos de duas turmas distintas, uma de 3º ano (turma 303) e a outra composta por alunos de 1º ano (chamada Eletiva de Base) quais seriam as origens dessa violência e por quais razões sempre a justificamos através das narrativas socialmente aceitas. Foi a partir dos Estudos de caso no ensino de Sociologia que buscamos fomentar o debate sobre desigualdade de gênero, compreendendo suas raízes históricas e sua materialização nas diversas formas de violência contra a mulher.

A proposta pedagógica em questão incentivou o estranhamento dos alunos diante de comportamentos que perpetuam violências físicas e simbólicas contra mulheres, promovendo uma reflexão crítica sobre ações cotidianas já que a nossa maneira de enxergar e se posicionar no mundo tem relação direta com processos que vivenciamos desde o berço. A escolha do tema surge com a intenção incentivar uma autorreflexão direcionada sobretudo aos rapazes que fizeram parte e representou a maioria constituinte das turmas alvo, mas que para além disso, este destaque se dá pelo fato de que sujeitos do sexo masculino são disparados os principais agressores de meninas e mulheres. A metodologia utilizada (Estudo de caso), ajudou os alunos a perceber como a violência contra a mulher é algo latente no cotidiano e como ela assume diferentes faces que por vezes passam despercebidas aos nossos olhos, sem causar qualquer estranhamento, mas que para a vítima a história é outra, as marcas muitas vezes não aparecem visivelmente em seus corpos, mas elas existem e as acompanha para o resto de suas vidas.

O PIBID revelou-se como uma ferramenta essencial para a formação docente, permitindo não apenas a construção do perfil profissional do licenciando, mas também sua atuação como mediador de debates sociais dentro da escola. Assim, este trabalho evidencia a importância do programa na preparação docente, mas também reforça a necessidade de uma prática educativa pautada no respeito e na consciência de que as pessoas leem o mundo formas diferentes, sendo importante utilizar caminhos que despertam identificação com os alunos para que estes percebam aquilo que é trabalhado na escola como um fato que não deve ser considerado um conhecimento desprendido do cotidiano, muito pelo contrário, a educação precisa estar em contato com a realidade social.

O objetivo deste trabalho é analisar a relevância do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) na formação docente, destacando sua contribuição para a

construção do perfil profissional do licenciando e sua atuação como mediador de debates sociais ao utilizar a violência contra a mulher como foco do debate.

2 METODOLOGIA

Conforme mencionado anteriormente, a proposta do núcleo no qual a experiência foi desenvolvida consistiu na adoção de metodologias ativas na elaboração da intervenção pedagógica. O uso de metodologias ativas no ensino tem mostrado uma abordagem eficaz para promover uma aprendizagem significativa e crítica, na qual os estudantes assumem um papel central no processo de construção do conhecimento (Moran; Bacich; Basso, 2020, p. 45). Aqui é importante considerar que existem vários tipos de metodologias ativas, e que o professor pode se apropriar das quais ele julgar adequado ao perfil do seu público alvo e ao seu objetivo. A aprendizagem ativa aliada a uma perspectiva de ensino freiriana, que valoriza a atuação do aluno como protagonista do seu processo de aprendizagem, foi essencial para a integração deles ao longo das etapas de aplicação da intervenção pedagógica. Essa estratégia dialógica fundamentada no pensamento de Paulo Freire (1996, p. 32), compreende a educação como um processo libertador que incentiva o pensamento crítico e a transformação social.

A partir desse entendimento, optou-se pela adoção do **Estudo de Caso** como principal abordagem metodológica. Dessa forma, foi possível utilizar notícias jornalísticas sobre violência praticada contra mulheres como material de análise e reflexão. Essa estratégia contribuiu para evidenciar a existência de outras formas de agressão que, muitas vezes, são invisibilizadas ou sequer reconhecidas socialmente como violações, mas que produzem, para as vítimas, efeitos tão severos quanto aqueles decorrentes da violência física.

Dentro desse contexto, a abordagem por meio do Estudo de caso consistiu em estimular nos alunos a análise da violência contra a mulher em que eles pudessem testar hipóteses sobre o caso e compreender melhor suas especificidades. De acordo com (André, 1984, p.52) o estudo de caso valoriza o conhecimento experiencial e enfatiza o papel importante do leitor na geração desse conhecimento.

Para a finalização do projeto e avaliação da aprendizagem dos estudantes, foram incentivadas a expressão e a socialização de suas percepções acerca do impacto da experiência, por meio de relatos direcionados à comunidade escolar, nos quais puderam explicitar de que maneira a abordagem adotada influenciou suas concepções sobre a violência de gênero. Essa estratégia, alinhada ao conceito de metacognição (Flavell, 1979, p. 906), permitiu que os estudantes refletissem sobre suas aprendizagens, fortalecendo a construção de um

conhecimento crítico.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

De acordo com dados da Organização Mundial da Saúde (OMS, 2024), estima-se que 30% das mulheres no mundo já sofreram algum tipo de violência no decorrer da vida, cometida por um cônjuge ou algum homem da família, o Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2025 mostra que a taxa de lesão corporal dolosa em contexto de violência doméstica vitimou cerca de 257.659 mulheres em todo território nacional no ano de 2024. Isso nos diz que o cenário real pode ser muito pior, já que há lugares e mulheres onde a estatística não chega. “As mulheres que sofrem violência sexual são invisíveis, ou invisibilizadas, portanto para ter seu direito reconhecido devem ser “localizadas”, “encontradas” ou virar visíveis ao Estado” (Silva, 2021, s/p).

Antes de 07 de agosto de 2006, ano em que a Lei Maria da Penha foi sancionada, agressões contra mulheres eram consideradas como de baixo potencial ofensivo e sua punição muitas vezes era reduzida ao pagamento de cestas básicas e trabalho comunitário, essa forma de punição representa a materialização da misoginia dentro dos dispositivos legais do Estado que deveria garantir a integridade e a proteção a vida dessas mulheres. Ainda que exista muitas arestas a serem reparadas dentro dessa política de proteção à mulher vítima de violência, é inegável que a conquista LPM de nº. 11.340/2006 que cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher representa um avanço gigantesco rumo à garantia de justiça e dignidade para todas que dela precisarem.

Louis Althusser (1970), propõe uma teoria de que os Aparelhos de Estado são divididos em duas ramificações, um age pela força/violência, enquanto o outro age pela ideologia perpetuando as relações de produção, mas, que não deixa de constituir uma forma de violência, isso quer dizer que uma das principais funções desses aparelhos é manter a ordem vigente, freando por meio da força ou das estruturas legais qualquer indício de subversão do sistema. Segundo ele, a Escola está entre os Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE), funcionando como palco de perpetuação das desigualdades.

Considerando que a violência é uma realidade que atinge muitas mulheres e de formas diversas, sendo o lar o local mais recorrente desses atos, a escola pode ser pensada como espaço de diálogo acerca desse fato social, visando a compreensão de suas raízes, compreender não como uma maneira de justificar, mas de pensar seu histórico. A escola, portanto, pode constituir um dos cenários em que a violência contra a mulher pode ser combatida, de acordo com Torres e Gonçalves (2019, p.3), “é essencial que os mediadores desse processo – os professores de

Sociologia – também desnaturalizem sua própria prática em sala de aula, se questionando se os resultados educacionais estão surtindo os efeitos desejados”.

Abrir espaço para que o jovem se sinta à vontade para se expressar é essencial, pois, como destaca Freire (1967), “o ser humano não apenas está no mundo, mas com o mundo, em uma relação de abertura à realidade que permite sua construção como sujeito.” No entanto, essa possibilidade de expressão é muitas vezes limitada pelas instituições sociais, incluindo a escola, que historicamente atuam na padronização e conservação das normas sociais, suprimindo ou invisibilizando as diversidades e, assim, mantendo relações de poder desiguais (Elian, 2013).

Ao longo do processo de socialização somos incentivados a performar de acordo com o que é socialmente designado para o nosso sexo, sempre atendendo a um padrão binário. De maneira silenciosa, internalizamos esse padrão por meio de brincadeiras, músicas e atividades que não nos permitem escolher livremente, mas apenas cumprir o que é esperado. Essa imposição normativa deslegitima performances que fogem ao padrão socialmente aceito, reforçando a ideia de que o gênero é uma construção reiterada por atos regulatórios. Como aponta Butler, “o gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado (juridicamente regulado), mas antes como a própria produção performativa do sexo”. (Butler, 1990, p. 25)

A importância de levar debates de gênero para dentro das escolas é justamente atuar no combate às desigualdades dentro de um dos cenários onde elas são alimentadas, sendo o ensino de Sociologia fundamental nesse processo, pois possibilita a análise crítica das estruturas sociais que perpetuam a violência contra a mulher, permitindo que os alunos compreendam que essa violência não é isolada, mas um resultado de construções históricas e culturais. Como aponta Oliveira (2011, p. 45), “o ensino de Sociologia na educação básica possibilita um olhar crítico sobre a realidade social, permitindo aos estudantes questionarem as relações de poder e as desigualdades presentes na sociedade”. Assim, a Sociologia oferece instrumentos teóricos para desconstruir estereótipos de gênero e problematizar padrões normativos que naturalizam a desigualdade e a violência que aliados ao uso de metodologias ativas podem proporcionar aos alunos um aprendizado mais expressivo.

Além disso, ao discutir a violência contra a mulher, é necessário compreender sua dimensão estrutural e histórica. Segundo Grossi (2016, p. 78), “a violência doméstica não deve ser vista apenas como uma questão privada, mas como um problema social e político que reflete desigualdades de gênero profundamente enraizadas”. Dessa forma, trazer esse tema para a sala de aula permite que os estudantes compreendam a complexidade de suas características e reflitam sobre formas de enfrentamento e prevenção, além de buscarem uma autoavaliação de

suas próprias noções.

No contexto escolar, as questões de gênero e diversidade ainda enfrentam resistência. Como enfatiza Schwade (2014, p. 32), “a escola, enquanto espaço de socialização, muitas vezes reforça normas de gênero excludentes, tornando invisíveis aqueles que não se encaixam nos padrões tradicionais”. No entanto, quando a escola assume uma postura crítica e inclusiva, pode se tornar um espaço de transformação, contribuindo para a construção de uma sociedade mais igualitária. Sendo assim, é profundamente necessário que o professor promova um espaço inclusivo de diálogo, pois, de acordo com bell hooks (2013, p.116), “se a experiência for apresentada em sala de aula, desde o início, como um modo de conhecer que coexistem de maneira não hierárquica com outros modos de conhecer, será menor a possibilidade de ela ser usada para silenciar.”

Vale salientar que a intenção deste trabalho não é atribuir um caráter redentor ao professor ou a escola, pois, entende-se que a violência contra a mulher é reforçada e justificada em todos os tentáculos da sociedade, a proposta é incentivar debates como esse em todos os espaços possíveis, à exemplo do que foi colocado dentro da nossa proposta de intervenção pedagógica, buscando uma aproximação de um fato cotidiano com as aulas de Sociologia por meio do uso de metodologias ativas.

3.1 INGRESSO NO PROGRAMA

Ao ingressar na universidade, os estudantes são apresentados a um universo acadêmico marcado por novas experiências e desafios. Entre essas possibilidades, destacam-se os programas de extensão vinculados aos cursos de licenciatura, como o PIBID, a Residência Pedagógica (RP) e o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), os quais possibilitam uma maior aproximação do licenciando com sua área de atuação. Tais programas, no entanto, também são caracterizados por exigências e responsabilidades que devem ser cumpridas pelos bolsistas, o que, em muitos casos, gera insegurança inicial.

Nesse contexto, no ano de 2022, buscou-se dialogar com colegas que já haviam vivenciado experiências nesses programas, com o objetivo de compreender melhor sua dinâmica de funcionamento. Essa busca por informações contribuiu para a construção da segurança necessária para concorrer a uma vaga como bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID).

Após a aprovação na etapa classificatória, em novembro de 2022, iniciaram-se os encontros em grupo, os quais funcionavam como espaços formativos semelhantes a grupos de

estudo. Nos momentos iniciais, esses encontros tiveram como objetivo apresentar aos bolsistas a estrutura do programa e as exigências que deveriam ser cumpridas ao longo de sua participação.

Esses encontros introdutórios mostraram-se fundamentais para que tanto os estudantes quanto os professores supervisores compreendessem a dinâmica do PIBID, que consistia na elaboração de um projeto de intervenção pedagógica a ser posteriormente aplicado em, ao menos, duas turmas do professor supervisor na escola-núcleo.

FIGURA 2 - REUNIÃO GERAL



Fonte: A autora (2023)

Descrição: Reunião geral de grupo, composta por supervisores e bolsistas das escolas de ensino médio Graça Aranha, Colégio Militar Tiradentes e Nascimento de Moraes.

Posteriormente, iniciaram-se estudos coletivos de livros e textos, cujos autores mais recorrentes foram Paulo Freire, José Moran e José Carlos Libâneo. Esses teóricos contribuem de forma significativa para a compreensão do processo de ensino-aprendizagem, especialmente no que se refere ao papel do professor, além de fundamentarem a perspectiva das metodologias ativas. Essa etapa mostrou-se particularmente esclarecedora ao possibilitar a compreensão conceitual das metodologias ativas e de suas possibilidades de aplicação prática no contexto escolar.

Os encontros em grupo desempenharam um papel fundamental no esclarecimento de dúvidas relacionadas ao funcionamento geral do programa, além de indicarem caminhos possíveis para a elaboração do projeto de intervenção pedagógica que, posteriormente, seria aplicado na escola-núcleo. Paralelamente a esses encontros, era realizada a assinatura de uma folha de frequência mensal, utilizada para o registro das atividades desenvolvidas ao longo de cada mês.

FIGURA 3 - FICHA DE ACOMPANHAMENTO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
Centro de Ciências de Imperatriz
Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia
Programa de Iniciação à Docência – PIBID, Núcleo de Sociologia/Imperatriz

Ficha Mensal de Acompanhamento do Aluno Bolsista – PIBID/2023

Bolsista: Thiana Maranhão Moraes
Escola núcleo: Centro de Ensino Graça Aranha
Supervisor: Izabela Maranhão

Dia	Número de horas	Local	Atividade	Rubrica do Supervisor	Visto do Coord. Institucional
16/11	14:00-17:00	CEGA	Atividade: projeto		
17/11	18:00-19:00	UFMA	Atividade: geral		
18/11	13:00-14:00	CEGA	Atividade: projeto		
19/11	14:00-15:00	UFMA	Atividade: núcleo		
20/11	13:00-14:00	CEGA	Atividade: projeto		

Coordenador do Projeto

Fonte: A autora (2023)

Descrição: Ficha destinada ao registro das atividades que o bolsista participou ao longo do mês.

3.2 A ESCOLA NÚCLEO

A escola núcleo é como chamamos a escola que recebe os bolsistas do programa, que nessa ocasião foi o Centro de Ensino Graça Aranha, uma escola da rede estadual de nível médio, sendo conhecida como uma das instituições mais tradicionais da cidade de Imperatriz pela qualidade do ensino ofertado. Criada em 1978, a instituição passou por muitos processos, pois no seu início chegou a funcionar como uma espécie de escola técnica, no Grupo Escolar Mourão Rangel, somente em 2002 voltou-se para o Novo Ensino Médio – Educação Geral, e no ano de 2014 a escola passou a funcionar em dois turnos: matutino e vespertino.

Até a finalização do PIBID, a escola esteve na direção da professora conhecida popularmente como Terezinha, uma figura particularmente inesquecível, sempre muito solícita, bem-humorada e aberta ao diálogo, era claro o respeito e o cuidado que ela dispensava aos professores, uma pessoa querida por toda a comunidade escolar. Já a coordenadora pedagógica, professora Luciana era sempre lembrada por conhecer cada aluno da instituição pelo nome, outra figura muito querida por todos, e que também tem uma história dentro da escola.

Todas as turmas de 1º a 3º ano são lotadas com pelo menos 40 alunos em cada. A escola

carece de reformas por toda a sua estrutura, pois desde de a sua entrega nunca passou por uma, apenas por reparos paliativos, outra triste realidade da escola é a inatividade da sala de informática com vários aparelhos em desuso e a inatividade da biblioteca que segundo a direção se deve à falta de funcionário para ocupar a função.

Percebe-se então que existe uma carência muito grande de investimento e manutenção na escola, mas que essa não é uma realidade particular e isolada, muito ao contrário, essa é uma carência geral.

3.3 A PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

Foram através das observações nas aulas de Sociologia da professora Raelma que nasceu o interesse de debater o tema da violência contra a mulher com os alunos da turma 303 - 3º ano e da Eletiva de base - 1º ano, uma das principais motivações foi perceber que as duas turmas que observamos eram constituídas maioritariamente por rapazes e como comportamentos machistas eram corriqueiros em ambas.

O projeto desenvolvido recebeu o título **“Os impactos da heteronormatividade na segurança da mulher”** e teve como proposta estimular o debate acerca do comportamento heteronormativo amplamente reproduzido ao longo da história, bem como de suas implicações na perpetuação da violência contra a mulher.

Em uma etapa prévia à aplicação do projeto, foram ministradas duas aulas de Sociologia com o objetivo de identificar o nível de compreensão dos estudantes sobre o que é — e o que não é — violência contra a mulher. No primeiro momento, foram apresentadas aos alunos palavras e conceitos intrínsecos à heteronormatividade. Em seguida, foram distribuídas notícias locais que abordavam diferentes formas de violência praticadas contra mulheres.

A partir dessa atividade inicial, tornou-se perceptível que uma parcela significativa dos estudantes de ambas as turmas não reconhecia formas de violência para além daquelas de natureza física ou psicológica. Além disso, práticas como assédio e piadas machistas não eram identificadas como violência, sendo frequentemente naturalizadas como comportamentos socialmente aceitáveis.

FIGURA 4 - INTERAÇÃO COM ESTUDANTES (TURMA 303)



Fonte: A autora (2023).

Descrição: Registro de interação e esclarecimento de dúvidas com a turma.

Dessa forma, para cada encontro foi elaborado um plano de aula, no qual se sistematizavam as atividades a serem desenvolvidas no respectivo dia. No total, o projeto foi estruturado em quatro etapas.

Etapa I – Essa etapa foi organizada em duas aulas. Na primeira, apresentou-se às turmas o percurso que seria desenvolvido ao longo do projeto, com o objetivo de contextualizar a temática e explicitar os objetivos da intervenção pedagógica. Nesse momento, também foi aplicada a dinâmica intitulada “*Em uma palavra*”, cujo propósito consistiu em identificar as percepções iniciais dos estudantes acerca da violência contra a mulher.

Na segunda aula, realizou-se a leitura coletiva do texto “*Heteronormatividade na escola*”, de autoria de Isabella Tymburibá Elían. A atividade foi conduzida por meio de uma aula dialogada, possibilitando a escuta dos posicionamentos dos estudantes em relação às ideias apresentadas no material, bem como a problematização coletiva do tema.

FIGURA 5 - LEITURA E DEBATE DO TEXTO



Fonte: A autora (2023)

Descrição: Este registro mostra a organização da turma no momento da leitura compartilhada do material, onde os alunos puderam expressar suas concepções, contribuindo com o debate e tirar dúvidas ou curiosidades.

Etapa II – Assim como a etapa anterior, esta fase foi desenvolvida em duas aulas. Na primeira, foram exibidos trechos do filme *“Não sou um homem fácil”*, com o objetivo de provocar reflexões nos estudantes acerca da gravidade das condutas heteronormativas amplamente naturalizadas no contexto social. A atividade buscou evidenciar que tais práticas não devem causar estranhamento apenas pela inversão de papéis apresentada na narrativa fílmica, mas sobretudo por ilustrar que o assédio constitui uma forma de violência contra corpos femininos, presente desde a infância.

Na segunda aula, foi realizada uma oficina introdutória sobre a produção de uma matéria jornalística. Nessa atividade, foram trabalhados os principais elementos que compõem uma notícia, sua estrutura básica e o uso de imagens como recurso informativo, preparando os estudantes para a etapa seguinte do projeto.

FIGURA 6 - TURMA ELETIVA 1º ANO ASSISTINDO AO FILME “NÃO SOU UM HOMEM FÁCIL”



Fonte: A autora (2023)

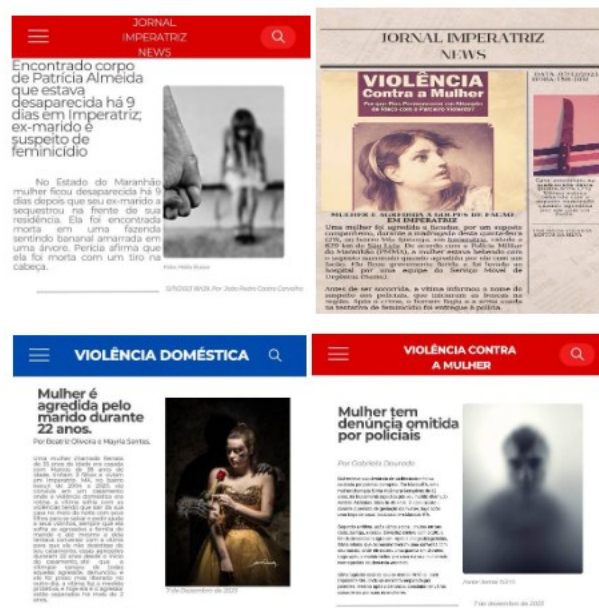
Descrição: Exibição no filme no auditório da escola.

Etapa III – Esta etapa foi desenvolvida em duas aulas, nas quais os estudantes foram organizados em grupos de até cinco integrantes e desafiados a produzir um *minijornal impresso*. A proposta consistiu na elaboração de uma notícia que relatasse um caso de violência contra a mulher, no qual o agressor fosse devidamente responsabilizado pelo crime cometido.

Durante o desenvolvimento da atividade, observou-se que uma parcela significativa dos estudantes utilizou o espaço do trabalho para relatar situações vivenciadas por familiares ou pessoas próximas, o que evidenciou a proximidade do tema com a realidade social dos discentes. Outro aspecto relevante foi o fato de que, ao construírem os desfechos das notícias, os grupos recorreram à pesquisa na internet para identificar as tipificações legais dos crimes, reconhecendo que a violência contra a mulher não se restringe à violência física. Além disso, buscaram informações sobre os dispositivos legais existentes para o enfrentamento desse tipo de violência.

Essa postura investigativa e autônoma dos estudantes expressa princípios centrais das metodologias ativas, nas quais o aluno assume o papel de protagonista de seu processo de aprendizagem, sendo estimulado a pesquisar, refletir criticamente e construir conhecimentos de forma significativa.

FIGURA 7 - ALGUMAS DAS PRODUÇÕES



Fonte: A autora (2023)

Descrição: Algumas produções feitas integralmente pelos alunos, nelas existe a descrição que representa alguma forma de violência contra a mulher.

Etapa IV – Esta etapa correspondeu à finalização do projeto, momento em que os estudantes tiveram a oportunidade de socializar, junto à comunidade escolar, os significados e aprendizados decorrentes da experiência vivenciada. Para isso, foi organizado um estande expositivo, composto por banner explicativo e pelas produções elaboradas pelas duas turmas participantes, possibilitando a divulgação dos resultados da intervenção pedagógica e a ampliação do debate sobre a temática abordada.

FIGURA 8 - MOMENTO DE SOCIALIZAÇÃO COM A COMUNIDADE ESCOLAR



Fonte: A autora (2023).

Descrição: A imagem mostra a organização dos stands e exposição das produções, além do momento em que os alunos falam sobre a experiência de terem participado do projeto.

O Programa de Iniciação à Docência é realmente um divisor de águas na trajetória do licenciando, pois, me deu a possibilidade de aplicar diferentes metodologias dentro de um projeto, esse contato extremamente planejado que tivemos com os alunos, nos auxiliou no diagnóstico das turmas em que passamos, foi possível também criar vínculos com os alunos e conhecê-los para além da escola, uma vez que estes de alguma maneira sempre aproveitavam para compartilhar conosco fatos da vida pessoal. Assim como a Virna que entrou na graduação não é a mesma de hoje, também não é a mesma depois de passar pelo PIBID, acredito que muito mais do que uma simples inserção do aluno de licenciatura no ambiente escolar, o programa representa a possibilidade de criar a nossa própria identidade enquanto professor e começar a pensar também em qual tipo de relação professor-aluno estamos dispostos a ter.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os processos vivenciados ao longo da formação em Licenciatura revelam-se transformadores não apenas no âmbito profissional, mas também na dimensão humana. Tais experiências contribuem para o reconhecimento das próprias subjetividades, ao mesmo tempo em que promovem a compreensão das particularidades do outro. Essa forma de compreender o mundo e as relações sociais encontra respaldo nos princípios da educação

libertadora proposta por Paulo Freire, especialmente quando se aprofundam os estudos sobre metodologias ativas. Nessa perspectiva, o estudante é compreendido como protagonista de seu processo de aprendizagem, e o conhecimento torna-se mais significativo quando dialoga com a realidade vivenciada pelos sujeitos.

Nesse contexto, a Sociologia assume um papel fundamental como mediadora das questões sociais no espaço escolar, para isso é profundamente necessário que o professor volte o seu olhar para a sua prática, com a intenção de perceber se os caminhos escolhidos por ele realmente se conectam com o mundo do aluno proporcionando uma aprendizagem real. Contudo, para que não haja uma interpretação equivocada, vale mencionar que o professor não pode ser responsabilizado integralmente pelo interesse do aluno em estudar, pois sabemos que a realidade é muito mais complexa e envolve infinitos fatores, o que está em questão aqui é a prática do professor e como um olhar atento pode facilitar a forma como este profissional se relaciona com seu público alvo. A partir deste entendimento, reforçamos que a adoção de metodologias não convencionais é comprovadamente mais eficaz no ensino, sobretudo quando relacionadas ao cotidiano, como exemplo disso, utilizamos a Violência contra a mulher, que infelizmente é um fato que está presente na sociedade desde os primórdios.

Para finalizar, reitera-se a importância do fomento a programas como o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) para a formação de professores. Tal relevância não se restringe ao incentivo financeiro destinado aos bolsistas — elemento fundamental para garantir a permanência e a participação ao longo dos 16 meses de duração do programa —, mas se estende, sobretudo, à riqueza formativa proporcionada aos futuros docentes. O PIBID possibilita ao licenciando o contato direto com o ambiente escolar, espaço que futuramente integrará seu cotidiano profissional, favorecendo a construção de sua identidade docente e a compreensão de que o papel do professor não se limita à transmissão de conteúdos, mas à construção coletiva do conhecimento, permeada por uma profunda responsabilidade social.

Dessa forma, o conhecimento constitui um instrumento de poder e transformação social, o que exige dos futuros docentes a compreensão da responsabilidade inerente ao ato de ensinar. Torna-se, portanto, imprescindível que a prática pedagógica seja orientada por um propósito ético, humano e comprometido com a formação crítica dos estudantes, reconhecendo a educação como um processo que deve ser conduzido com sensibilidade, responsabilidade social e compromisso com a emancipação dos sujeitos.

5. REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, L. *Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado*. Lisboa: Presença, 1980.
- BENTO, Berenice. *Na escola se aprende que a diferença faz a diferença*. In: *O que é transexualidade*. São Paulo: Brasiliense, 2008.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade*. 6 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
- ELIAN, Isabella. *A heteronormatividade no ambiente escolar*. Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2013, p. 1-7.
- Pibid - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência*. Disponível em: <<http://www.gov.br/capes/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/educacao-basica/pibid/pibid>>. Acesso em: 8 jun. 2025.
- FLAVELL, John H. *Metacognição e monitoramento cognitivo: Uma nova área de investigação cognitivo-desenvolvimentista*. *American Psychologist*, v. 34, n. 10, p. 906-911, 1979.
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Editora Paz e terra, 1967.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GROSSI, Mirian. *Gênero, violência e desigualdade: desafios contemporâneos*. Florianópolis: Editora UFSC, 2016.
- LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- MORAN, José Manuel; MASSETO, Marcos Tadeu; BEHRENS, Mônica. *Novas tecnologias e mediação pedagógica: desafios para a educação a distância*. São Paulo: Papirus, 2000.
- MORAN, José; BACICH, Lilian; BASSO, Fernando. *Metodologias ativas para uma educação inovadora: Uma abordagem teórico-prática*. Porto Alegre: Penso, 2020.
- OLIVEIRA, Amurabi. *Ensino de Sociologia e transformação social*. São Paulo: Cortez, 2011.
- SCHWADE, Eliseth. *Diversidade de gênero na escola: desafios e possibilidades*. Curitiba: Appris, 2014.
- SILVA, Maynara. *Gênero: categoria útil para análise política de enfrentamento à violência contra mulher*. Revista Espaço Acadêmico – n.229 – jul./ago. 2021.
- WORLD HEALTH ORGANIZATION. *Violence against Women*. Disponível em: <<https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/violence-against-women>>.
- FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **19º Anuário Brasileiro de Segurança**

Pública. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2025. Disponível em: <https://publicacoes.forumseguranca.org.br/handle/123456789/279>. Acesso em: 01/10/2025

HOOKS, Bell. **ENSINANDO A TRANSGREDIR: educação como prática da liberdade.** São Paulo. Editora WMF, 2013.

ELIAN, Isabella Tymburibá. **A HETERONORMATIVIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR.** Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2013.